Entre Pais e Filhos: uma análise dos escritos de Karl Marx sobre a Rússia

João Pedro Henriques de Castro Morais
Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande - Paraíba - Brasil
jpmoraisde@gmail.com

Resumo: Durante as últimas décadas de sua vida, Karl Marx ocupou-se de extensos estudos acerca de novas questões surgidas no horizonte histórico-mundial, em termos concretos e teóricos. Nessa direção, o objetivo desse artigo é analisar os escritos de Marx sobre a Rússia – uma série de correspondências, esboços e publicações direcionadas aos populistas *narodniks*. Tais escritos se mostram centralmente importantes para pensarmos sobre o desenvolvimento intelectual de Marx e as novas questões que se abriram nos últimos anos de sua vida. Assim, a partir de suas análises sobre as condições histórico-sociais da Rússia, podemos pensar em questões como a historicidade multilinear do marxismo e seus desdobramentos quanto a relação periferia/centro do capitalismo. Nesse sentido, também busca-se pensar em seu conteúdo político, tanto para a tradição marxista de um modo geral, quanto para o contexto russo entre os séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Karl Marx. Rússia. Dialética.

Introdução

Após a década de 1860, quando foi publicada a primeira edição d'O Capital, Karl Marx se defrontou com uma série de novas questões surgidas tanto no movimento revolucionário mundial, quanto nas ciências humanas. Se a derrota da Comuna de Paris de 1871 teve um forte impacto em Marx e nos círculos revolucionários – o que os levou a um intenso período de reflexão, sobretudo após o fim da Primeira Internacional em 1872 (Shanin, 2017, p. 30) – em outra mão, desdobrava-se em seu horizonte teórico e científico uma série de novos estudos antropológicos.

A descoberta da, até então, chamada "pré-história", entre as décadas de 1860 e 70, modificou o panorama das discussões historiográficas e antropológicas, dando um pontapé para uma série de reflexões sobre a vida comunitária dos primeiros grupos humanos. São marcantes, por exemplo, as leituras de Marx a respeito de estudiosos como Lewis Morgan, que estudara a organização social dos iroqueses, comunidade originária norte-americana; ou de Maine e Firs, que pesquisaram os grupos agrícolas na Índia, então "sobreviventes" em meio ao desenvolvimentismo capitalista. Assim, eles se

mostraram decisivos para uma modificação interna das formulações marxianas anteriores à década de 1860. Afinal, essas novas análises ofereceram ao crítico alemão uma "base muito mais sólida de estudos do que ele tivera disponível em 1857 – 1858" (Hobsbawn, 1964, p.49) para tratar de temas relacionados às comunidades não capitalistas, o que, por questões históricas, não poderia estar na mira de sua juventude.

É nesse contexto que Marx passa a ter um crescente contato com o movimento revolucionário que surgia na Rússia. Durante seus primeiros estudos, o país aparecia como o último bastião do reacionarismo típico dos antigos estados absolutistas: um enorme território de base agrícola, pouco modernizado, e controlado politicamente pela mão de ferro Czarista. Agora, as coisas se mostravam diferentes: as ebulições sociais que corriam pelo país desde a década de 1840, quando surgiram os primeiros grupos *narodniks* (populistas), radicalizados a partir da abolição formal da servidão dos camponeses na década de 1860, chamaram a atenção do crítico alemão.

Assim, em fins dessa mesma década, Marx e Engels entraram em contato com vários grupos revolucionários da Rússia, interessados em suas perspectivas teóricas e políticas de interpretação e emancipação social. O grande impulso para esse contato foi a tradução para o russo d'O Capital, feita pelo *narodnik* Nikolai Danielson. Essa troca resultou na publicação da versão Russa d'O Capital em 1872: o que "gerou um profundo impacto" sobre os *narodniks*, que passaram a estudá-la mais afundo de acordo com sua realidade social (Watanabe, 2019).

Para estes, interessava sobretudo a questão da acumulação primitiva: capítulo do livro onde Marx estuda o surgimento do capitalismo através do processo de expropriação dos camponeses ingleses. A centralidade do debate se dava pela conjuntura histórica da Rússia: o país passava por um processo de modernização capitalista, mas ainda era hegemonizado por um sistema econômico-social predominantemente agrícola, baseado no *mir* e na *obtchena*, formas de organização comunais dos camponeses.

Tais discussões levaram os *narodniks* a formular uma questão central: afinal, o destino da Rússia seria fatalmente igual ao da Europa estudada n'O Capital por Marx? Os revolucionários deveriam, afinal, apoiar o desenvolvimento de um capitalismo na Rússia em busca de construir uma classe proletária? Ou, por outro lado, sendo um país de extensão agrária, onde a maior parte de sua população era camponesa e se organizava a partir do *mir*, seria possível "pular etapas" em direção ao socialismo?

Assim, cada vez mais interessado nesses debates, Marx passa por um longo período de estudos – da língua, da história, da economia e das relações sociais na Rússia.

Segundo sua esposa Jenny em uma carta para Engels, ele "começou a estudar Russo como se fosse questão de vida ou morte" (Shanin, p. 32, 2017), preenchendo mais de 30 mil páginas de anotações, sem ter concluído, contudo, nenhum escrito para publicação sobre o tema – apesar de algumas promessas barradas pela deterioração de sua saúde. Entre suas anotações e prateleiras chamavam atenção obras de radicais materialistas, como Nikolai Tchernichevski e Flerovski, além de populistas da década de 1840, como Alexander Herzen (Shanin, 2017).

É a partir dessa base de estudos que Marx inicia uma série de correspondências com os *narodniks* sobre a situação social da Rússia, que iremos analisar ao longo do texto. Apesar de tratarmos dos escritos marxianos, convém notar que o contato se inicia entre 1874 e 1875, a partir da polêmica de Engels com Piotr Tkatchov, um revolucionário influenciado pelo blanquismo e pelas ideias eslavófilas sobre o aparente "socialismo natural" do povo russo. Essa linha de pensamento considerava que, através do *mir*, estavam maduras as condições sociais para uma revolução no país.

Já na década de 1877 Marx passa a escrever diretamente para alguns círculos russos. O primeiro deles foi o esboço de uma carta escrita para o editorial *Otechestvenye Zapiski* (Notas Patrióticas) onde ele busca polemizar com Michailovski, teórico importante entre os círculos *narodniks* que, ao defender Marx dos ataques dos liberais, acabou por imputar-lhe uma interpretação evolucionista e etapista. É contra essa concepção que Marx vai tentar se defender no escrito que, contudo, só foi publicado após sua morte.

Consideramos como o grande centro dos escritos sobre a Rússia, contudo, a carta – e seus esboços – que Marx direciona a Vera Zassulitch, revolucionária marcante na história russa. Em geral, o conteúdo da carta busca responder a indagação dos populistas influenciados por Marx: acreditar na potência socialista da organização social do *mir* ou apoiar o desenvolvimentismo capitalista? O velho alemão responde afirmando que o desenvolvimento da Rússia tinha um contexto histórico distinto e particular se comparado ao desenvolvimento do capitalismo na Europa central. Sendo assim, para ele, o país tinha uma chance única de construir o socialismo a partir do *mir*. Tratava-se de pensar como Marx, e não de reproduzir suas conclusões.

Tais reflexões se mostram importantes porque envolvem um tema que se tornou caro a uma parte da tradição marxista – e vulgarizado, sobretudo, pelos seus críticos – o evolucionismo histórico/etapismo. Ou seja, a ideia de que a história seguiria, para Marx, um curso natural e teleológico, explicado por leis supostamente científicas, que levariam

o homem ao socialismo a partir do desenvolvimento mecânico das forças produtivas da sociedade. Seguindo esse raciocínio, "O Capital", por exemplo, poderia ser considerado um livro fechado em si mesmo, no qual a fatalidade histórica determinaria um único modelo de análise para todo o mundo. Esse pensamento, como buscaremos evidenciar, foge ao que é dialética e ao caráter materialista que Marx lhe imputa. Os escritos aqui analisados trazem a negação dessa ideia: para o Marxianismo, qualquer lei teleológica é estranha, mesmo que esta esteja vestida por uma roupagem supostamente "científica" ou "materialista". O que o interessa, enquanto pensamento dialeta de base materialista, é a análise das contradições reais do processo histórico. Contradições que são múltiplas, e que, sobretudo, não existem sob a sombra de um *a priori* único.

Nesse sentido, os textos selecionados para a análise mostram-se importantes para combater a vulgarização geral que se abateu sobre a teoria Marxista no Séc. XX. Tanto os críticos de Marx e de sua tradição, dos liberais reacionários aos pós-modernos progressistas, quanto a interpretação deturpada da social-democracia alemã, e, mais tarde, dos manuais stalinistas do estado Soviético burocratizado, transformaram as suas ideias no já comentado tipo de esquema evolucionista. O debate simplificado toma como verdade uma caricatura localizada do Marxismo, relegando toda uma tradição – rica, complexa e multifacetada – se não ao esquecimento, à rápida desqualificação.

Um bom exemplo da crítica pós-moderna pode ser encontrado em certos setores do pensamento decolonial, os quais veem o marxismo como um *corpus* teórico esgotado, colonial e moderno, marcado pelo eurocentrismo da aposta na "evolução tecnológica ocidental". Boaventura de Sousa Santos (Netto, 2008), por exemplo, força ver em Marx um exemplo de pensamento ultrapassado, na medida em que este ainda operaria no recorte da modernidade, e grosseiramente veria a evolução tecnológica de forma passiva e necessária, como uma condição *sine qua non* para a emancipação humana. Em um contexto diferente, Edward Said (2007), importante pensador pós-colonial, mas não menos criticável, vê Marx como colonialista, na medida em que este, em escritos de juventude, teria defendido a colonização britânica da Índia como precondição para sua emancipação social. Podemos ainda comentar sobre a acusação quanto a suposta incapacidade do Marxismo, por ser materialista, em observar problemas de cunho cultural; bem como, por se construir no contexto da modernidade europeia, em contato com uma tradição clássica de pensamento filosófico, ser incapaz de compreender as particularidades de contextos e sociabilidades não ocidentais.

O resultado desses cortes teóricos pode ser visto no deslocamento do problema das opressões, que, da materialidade histórica, passam para o reposicionamento individual e discursivo, mantendo incólume o contexto social que produz, reproduz, circula e se alimenta dessas mesmas opressões. Afinal, estas não deixam de existir, mas, para o marxismo, estão inscritas em outros termos que não são meramente discursivos, mas materiais, mesmo que culturais ou ideológicos[1].

É contra esses ataques e deturpações que buscamos responder à pergunta: quais contribuições e conclusões podemos tirar dos escritos de Marx sobre a Rússia no que tange a sua concepção histórica e teórico-metodológica? Quais vislumbres políticos podemos tirar de suas considerações? E, por fim, o que podemos observar de contribuição de suas ideias para a relação periferia/centro do capitalismo?

Por essas razões, nosso trabalho busca se inserir no mesmo programa de resgate dialético da historicidade marxiana, levada à cabo por autores como Kevin Anderson em seu livro "Marx nas Margens" (2023). O sociólogo americano, ao esquadrinhar as produções de Marx sobre as sociedades não ocidentais entre 1853 e 1882, mostra-nos o desenvolvimento constante de suas ideias quanto a não linearidade histórica. Contra os ataques de intelectuais de peso, como o já mencionado Edward Said, o autor apresenta-nos um Marx aberto a uma perspectiva multilinear da História. O crítico alemão, como veremos, ao amadurecer seu pensamento, sentiu também a necessidade de compreender a realidade concreta das sociedades não-ocidentais, inseridas de maneira relacional com a totalidade capitalista.

Nosso critério de análise parte de uma leitura selecionada dos textos de Marx sobre a Rússia: os já mencionados esboços de cartas e prefácios reunidos e publicados pela Boitempo em 2020 sob o título "Luta de classes na Rússia". Assim, nossa incursão apoia-se metodologicamente na leitura imanente dos textos, ou seja, inserindo-os nas contradições de seu movimento interno, e, assim, em seu contexto histórico, para, dessa maneira, teorizarmos, tanto com as ferramentas historiográficas, quanto com o movimento conceitual dos autores, sobre seu próprio pensamento e sobre sua importância em nosso momento histórico-social específico. Afinal, a dialética materialista é sempre pensamento ao quadrado, materialidade e apreensão conceitual, práxis e teoria. É uma forma de refletir/compreender que se movimenta ao

[1] Para um debate atualizado sobre a questão das identidades e do indentitarismo, numa perspectiva da teoria crítica emancipatória, ver: Barros, 2024.

> pensar sobre um dado objeto, em um nível, e, simultaneamente, observar nossos próprios processos de pensamento quando assim o fazemos: ou, para usarmos uma linguagem mais científica, avaliar a posição do observador no próprio experimento (Jameson, 1985, p.270).

Já diria Brecht (*apud* Arantes, 2010, [s.p.]): "ele pensava dentro de outras cabeças; e na sua, outras, além dele, pensavam. Este é o verdadeiro pensamento".

A condição social da Rússia

A Rússia, tal como a conhecemos atualmente, surgiu da chamada Rússia de Kiev, no século VIII, através da constituição de cidades-estados agrícolas formadas por diferentes povos, como eslavos, asiáticos e escandinavos. Após o "Jugo Mongol", que durou dois séculos (século XI ao século XIII), a centralidade do poder político passou de Kiev para Moscou, processo que contou com o "fortalecimento dos príncipes moscovitas". Assim, findado o controle Mongol, a linhagem moscovita passou a concentrar poder, ebulindo no nascimento do primeiro Tzar: Ivan IV, o Terrível (Calabresi, 2021, p. 101 – 102).

Foi essa concentração de poder que, de acordo com Calabresi (2021) culminou no reinado de Pedro, O Grande, no final do Século XVII, quando a autocracia se consolidou. E é justamente nesse processo de consolidação do czarismo que também se consolida a agricultura camponesa como a principal atividade econômico-social da região. No início do Século XVIII, Pedro I buscou modernizar o país a partir da ocidentalização de suas elites, tendo suas bases, contudo, permanecido em uma cultura tradicional e uma economia campesina – também vale lembrar que no Século XVIII o capitalismo na Europa Central ainda não estava consolidado, mas em processo de formação. Para exemplificar os efeitos do programa, depois do reinado de Pedro, "dados estatísticos indicam que em 1794 a população de camponeses na Rússia era de 20 milhões, de um total de 36 milhões de habitantes em 1796" (Blum, 1961; Moon, 2006 *apud* Calabresi, 2021, pág. 102).

A partir das reformas de Pedro I, a nobreza pôde consolidar-se coesamente como uma classe social: além das transformações culturais – e ideológicas – ocidentalizantes, fora disposta uma "Tabela de Graduações" que organizava o serviço imperial em uma lista de 14 graduações.

> De acordo com esta Tabela, todos os servidores do império deveriam iniciar seu serviço a partir da primeira graduação, mesmo que pertencessem a famílias aristocráticas, e subir para os níveis seguintes segundo critérios de

> mérito e de tempo de trabalho. A obtenção da nobreza hereditária de acordo com este sistema, ocorria ao se atingir a décima quarta graduação – a mais baixa – na carreira militar, ou a oitava no serviço civil, de assessor colegiado. Segundo Wirtschafer (2006), as graduações inferiores no serviço civil, que iam da décima quarta até a nona, conferiam nobreza pessoal, título que garantia todos os direitos e privilégios da nobreza hereditária, com a única diferença de não ser transmitida à próxima geração (Calabresi, 2021, p. 104).

Assim, a Rússia era dominada por um poder centralizado do estado Czarista, que controlava as atividades sociais no país e se apoiava, por um lado, nas classes senhoriais mais abastadas, e por outro, na exploração dos camponeses. Quanto aos últimos, estes se encontravam sob jugo da nobreza, classe composta por grandes senhores de terras, tendo entre si uma relação de servidão, que, na prática, beirava a escravidão. Com a consolidação da classe aristocrática a partir das graduações estatais, os camponeses tiveram praticamente todos seus direitos negligenciados:

> Os poderes dos proprietários sobre seus servos eram, por lei, quase ilimitados, e, na prática, os senhores dispunham sobre a vida de seus trabalhadores como bem entendessem, exercendo sobre eles os poderes de justiça e de polícia (Blum, 1961 *apud* Calabresi, 2021, p. 104).

Contudo, existiam entre os próprios camponeses formas de organização social das terras, como o *Mir*: as comunas rurais coletivas de terra:

> [O Mir] era uma forma de organização coletiva de relações sociais e de uso da terra oriunda dos séculos de formação do Estado russo, e com características típicas e únicas deste país. [Ele] consistia em uma espécie de autogerenciamento social e do trabalho dos camponeses, por meio do qual eram reguladas as pesadas obrigações dos camponeses em relação a seus senhores, além de uma temporária redistribuição de lotes de terra aos camponeses que poderiam, com variações regionais, trabalhar para si mesmos a partir do momento em que cumpriam com suas obrigações senhoriais. O mir também exercia funções de regulação coletiva de diversos aspectos da vida campesina (Calabresi, 2021, p. 113).

Tais regulações ocorriam por meio do conselho de anciões, a *Obthcina*, que elegia o *Starosta* (chefe local) e redistribuía a terra entre os vários camponeses (Aarão, 2003).

A abolição da servidão de 1861 e o capitalismo desigual e combinado

Após a derrota na Guerra da Crimeia em 1856, a Rússia se vê travada pelos seus problemas estruturais: rondava o país um atraso quanto ao seu desenvolvimento político e social, sobretudo se comparado aos países capitalistas do centro europeu. Assim, em meio às pressões das classes ilustradas, o estado termina por abolir formalmente a servidão em 1861 (Calabresi, 2021). Todavia, os servos libertos não tiveram direito à terra, tendo agora que pagar pelos lotes que haviam utilizado até então – muitas vezes

"áreas de terra menores do que as que cultivavam como servos, e, para dificultar ainda mais a situação, a liberdade não seria atribuída neste momento" (Calabresi, 2021, p. 111). Assim, para os camponeses restaram apenas terras inférteis e infrutíferas, de extensão consideravelmente menor em comparação às terras dos grandes senhores ou do Estado. A cereja do bolo era a consequente dívida aos usurários ou aos seus próprios senhores.

É nesse processo de fim de servidão e de construção do capitalismo que surgem as polêmicas entre Marx e os *narodniks* russos. O que estava em jogo para os populistas era o próprio futuro do *Mir*: o rápido desenvolvimento do capitalismo e a abolição da servidão descuidada com os camponeses poderiam levar as comunas a sua própria ruína. Isso porque seria incentivada a concorrência dentro dela mesma, o que levaria a um crescente desmantelamento interno através do surgimento de camadas médias entre os camponeses. Por outro lado, continuando do mesmo jeito em que estava, ela mesma permaneceria abstraída em seu mundo frente às modernizações do capitalismo, ficando para trás das grandes indústrias em termos de concorrência. Assim, o destino de muitos mujiques poderia ser a migração para as grandes cidades, e a do *mir* a sua própria dissolução. É nesse sentido que se perguntavam os populistas leitores de Marx: será que o próprio desmantelamento interno das comunas agrícolas não seria uma precondição necessária para o socialismo na Rússia?

O populismo *Narodnik* e os movimentos revolucionários

De acordo com Teodor Shanin (2017), populismo é um termo muito amplo, que se correlaciona a uma "mistura de ativismo político e análise social" a respeito da realidade russa. Sua origem remonta o fim da década de 1840 e o início da década de 1850, quando surgiam setores ilustrados no país, influenciados pelas ideias liberais, iluministas e pós primavera dos povos. O desejo era de mudanças estruturais, a começar pela libertação dos servos. Essa foi tida como uma das primeiras fases do populismo russo, representada, sobretudo, por Alexander Herzen, que iniciou uma tradição política na Rússia central nas discussões dos populistas marxistas: a ideia do socialismo derivado do *mir*. Contudo, sua visão era eslavófila: considerava os mujiques (camponeses) dotados de uma afeição natural ao socialismo, tendo em vista sua organização social, em comparação aos proletários europeus.

Por outro lado, em 1860, houve uma radicalização das camadas médias na sociedade (*Raznotchintzi)*, através da abertura social ao letramento (Bernardini, 2008;

Pereira, 2018). As discussões da década de 1840 foram, então, consideradas beletristas e não práticas, e deram lugar a uma efervescência radical organizada em círculos revolucionários que optavam por táticas, muitas vezes, terroristas. Segundo Shanin (2017), esses populistas desafiaram tanto o pensamento eslavófilo – que acreditava na supremacia natural do povo e da cultura russa sob o ocidente – quanto o pensamento ocidentalista liberal, que acreditava no futuro da Rússia a partir de sua modernização aos moldes europeus. Era a geração dos "filhos", de 1860, contra a geração dos pais, de 1840, para referir-nos ao famoso romance "Pais e Filhos", de Ivan Turgueniev (2021).

Além disso, também nos chama atenção o fato de que, para teóricos da década de 1840, como Herzen, e para os materialistas da década de 60, como Tchernichevski, existiria uma possibilidade diferente da Ocidental de chegar ao socialismo (Shanin, 1983). Ou seja, um socialismo que não precisaria passar pelas barbaridades da exploração capitalista e pelos seus nefastos efeitos éticos e sociais: ele viria das bases sociais do *mir*. Nos estudos de Chedayev e Tchernichevski – o último como um autor que influenciou consideravelmente Marx nos estudos sobre a Rússia – já existiam os germes da ideia do desenvolvimento desigual – mais tarde trabalhadas em termos marxistas por Trotsky[2] - entendendo como o desenvolvimento de certas regiões era atrasado na medida necessária para o progresso do capitalismo central. Segundo Shanin, essa concepção dividiu a Rússia, mas também pôde ser lida como uma espécie de – na falta de melhores termos – "vantagem revolucionária", abrindo espaço para pensar numa revolução socialista em um país que não tinha ainda um capitalismo industrial consolidado.

Quanto aos *narodniks* revolucionários, boa parte dos que receberam o marxismo com bons olhos faziam parte da associação chamada de *Zemlia y Volia* (Terra e Liberdade), estabelecida em 1876 e rachada em duas em 1879: dividiu-se entre a Partilha Negra (*Chernyi Peredel*) e a Vontade do Povo (*Narodnaya Volia*). O primeiro grupo se constituía de militantes que atuavam a partir das já mencionadas ações terroristas armadas e antiestatais, sendo os mais conhecidos Vera Zassulitch, Pavel Axelrod e Georgy Plekhanov – os futuros Mencheviques (Shanin, 1983).

Contudo, na década de 1880, com a repressão dos vários grupos populistas, surge e passa a predominar no jogo político *narodnik* uma corrente moderada, também chamada de "populismo legal", que defendia mudanças a partir da cooperação dos grupos populistas com o governo, relegando os revolucionários a um pequeno setor do

[2] Ver Trotsky, Leon, "A história da Revolução Russa", 2017.

movimento. Já em 1883 a "Partilha Negra" é reorganizada com base no programa da social-democracia alemã, centralmente inspirada pelo Marxismo, surgindo, então o grupo "Emancipação do Trabalho" (*Osvobozhdenie Truda*).

São esses últimos que passam a atuar numa linha teórica de que a comuna rural na Rússia estava praticamente destruída, e restava apenas o necessário desenvolvimento do proletariado a partir da rápida consolidação do capitalismo local. Contraditoriamente, foi com esses revolucionários que Karl Marx, em 1881, trocou cartas e criticou radicalmente uma noção evolucionista daqueles que se consideravam seguidores de seu pensamento, acreditando, ao contrário, na força da comuna russa.

Carta à *Otchestvenye Zapiski*

Em 1877, Karl Marx esboça uma carta direcionada a redação do jornal populista *Otchestvenye Zapiski*, de São Petesburgo. Nessa carta, o objetivo do autor é responder o *narodnik* Michailovski, que em seu artigo "Karl Marx diante do tribunal de Ju. Jukovski" buscou defender Marx dos ataques de Juli Jukovski, economista vulgar e liberal que havia atacado o velho alemão em um escrito sobre "O Capital". Contudo, Michailovski defende o velho alemão a partir de uma visão própria dos populistas russos, abstraindo trechos – muitas vezes marginais ou desconexos – d'O Capital para justificar sua argumentação. Nas mãos de Michailovski, Marx se reduz a um economista de base evolucionista. Contudo, a carta escrita não chegou a ser enviada: muito provavelmente Marx tinha receio de "colocar em perigo a existência da revista" (Löwy, 2020, p. 58).

Na carta, Marx ressalta que o autor russo fez "recortes arbitrários" d'O Capital, sobretudo aqueles relacionados ao beletrismo de Herzen, onde supostamente haveria um ataque à comuna rural russa. Contudo, nas palavras do alemão:

> Minha apreciação desse escritor pode ser justa ou pode ser falsa, mas em nenhum caso ela fornecerá a chave de minha visão sobre os esforços dos homens russos para encontrar um caminho de desenvolvimento para a sua pátria, diferente daquele que foi e é trilhado pela Europa ocidental [...] (Marx, 2020, p. 65).

As críticas de Marx à Herzen não partiam da consideração relacionada à força revolucionária do *mir*, mas do pan-eslavismo contido em seus escritos: na ideia de uma tendência natural ao socialismo do povo russo em comparação ao proletário ocidental. Ao contrário da posição de Michailovski, Marx defende o pensamento de Tchernichevski sobre o entendimento histórico-social concreto das comunas russas. Tratar-se-ia de

utilizar a potência revolucionária historicamente concreta do *mir*, em contato com o desenvolvimento tecnológico no capitalismo, no que tange à produção e os avanços científicos, para "apropriar-se dos seus frutos mediante o desenvolvimento de seus próprios pressupostos históricos" (Marx, 2020, p.65).

Em um tom direto, o alemão afirma claramente sua posição sobre o tema:

> Enfim, como eu não gosto de deixar nada "para ser adivinhado", direi as coisas sem meias palavras. Para poder julgar com conhecimento de causa o desenvolvimento econômico da Rússia contemporânea, aprendi a língua russa e depois estudei durante longos anos as publicações oficiais referentes a esse tema, entre outras. O resultado a que cheguei foi este: se a Rússia prosseguir no rumo tomado depois de 1861, ela perderá a melhor chance que a história já ofereceu a um povo, para, em vez disso, suportar todas as vicissitudes fatais do regime capitalista (Marx, 2020, p. 66).

Em outras linhas, o pensamento de Marx não se enquadrava em uma base evolucionista como quiseram alguns de seus leitores russos. Para ele, ao contrário, tratava-se de entender as condições históricas da situação Russa, para, em contato com o "progresso" técnico-industrial do proletariado ocidental, revolucioná-la. Seria uma superação do capitalismo a partir da forma comunal russa, e a superação do que ele considerava questões arcaicas e tradicionais da comuna a partir da luta socialista. Marx responde ao evolucionismo com a dialética.

Ao longo do esboço, o alemão também vai utilizar "O Capital" em sua argumentação: ele explica que no Ocidente a acumulação de capital e a passagem da propriedade agrícola para a propriedade industrial se deu pela apropriação das propriedades privadas dos camponeses, algo que não existia hegemonicamente na Rússia. As condições russas são as condições russas, e as condições ocidentais são as condições ocidentais. Em outro momento do escrito, Marx nega em tom claro qualquer ideia abstrata de "teoria histórico-filosófica do curso geral" da humanidade:

> Ele ainda tem necessidade de metamorfosear totalmente o meu esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem, para acabar chegando à formação econômica que assegura, com o maior impulso possível das forças produtivas do trabalho social, o desenvolvimento mais integral possível da cada produtor individual (Marx, 2020, p. 68).

E, após comparar a situação histórica da expropriação das terras camponesas romanas com as do ocidente pré-capitalista, ele afirma que exemplos que se passam em ambientes históricos diferentes, levam a resultados totalmente diferentes.

Fica claro, ao fim da carta, a ênfase que Marx dá à necessidade de analisar o objeto histórico-social a partir de suas próprias contradições. Para ele, seu corpo de ideias não

era constituído por bases dogmáticas ou por um catecismo científico, mas pela análise concreta das múltiplas contradições também concretas historicamente: a última frase da carta exemplifica a concepção histórica de Marx (2020, p.66): "jamais se chegará a isso tendo como chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra histórica".

A carta só fora publicada legalmente em 1888 – antes disso ela havia sido traduzida clandestinamente para o russo por Vera Zassulitch, e caído nas mãos da polícia. Sua influência foi marcante no posterior movimento revolucionário do país. Vladmir Ilitch Ulianov Lenin, figura central na revolução socialista de 1917, foi bastante influenciado por ela:

> Lenin expôs a concepção marxiana de História como uma "teoria cientificamente consolidada", que nada tem a ver com a pretensão de ter respondido todas as perguntas sobre a história da humanidade. Fazendo referência, entre outras coisas, à carta de Marx, ele declarou a concepção materialista da história como um método de explicação que exige objetividade científica e procedimento histórico-concreto na investigação de processos históricos (Löwy, 2020, pág. 63).

A correspondência entre Karl Marx e Vera Zassulitch

Em 1911, David Riazanov, então diretor da MEGA (*Die Marx-Engels-Gesamtausgabe*), primeiro projeto sistemático de resgate e publicação dos escritos de Karl Marx, encontra nos arquivos de Paul Lafargue, genro do velho alemão, esboços de uma carta escrita em 1881 para a então revolucionária russa Vera Zassulitch. Assim, Riazanov escreve para Georgy Plekhanov e Pavel Axelrod[3], revolucionários e companheiros de Vera, sobre a suposta carta. Além disso, ele tenta, a partir de terceiros, falar com Zassulitch, recebendo três respostas negativas quanto ao recebimento da carta. Para sua própria surpresa, em 1923 o historiador Boris Nicolaevski encontra entre os papeis de Pavel Axelrod a carta de Marx, que foi publicada logo em seguida e depois organizada em uma revista da MEGA (Löwy, 2020).

A carta de Marx à Vera foi uma resposta do alemão ao questionamento da populista russa, que tanto afligia seu círculo revolucionário: seria o *mir* uma potência revolucionária para o socialismo, ou seria necessário o desenvolvimento do capitalismo na Rússia? A carta, aparentemente escrita de maneira muito sincera e honesta, logo foi

[3] Vale relembrar que ambos construíram o primeiro grupo de programa assumidamente social-democrático e marxista na Rússia, e posteriormente aderiram a ala menchevique do partido Operário Social-Democrata Russo.

respondida por Marx. Contudo, para isso, ele escreveu três esboços nos quais pôde traçar alguns apontamentos para interpretar a questão russa. Por isso, apesar de fragmentários, os escritos são de uma riqueza única.

Os esboços da carta à Vera Zassulitch

A argumentação de Marx em todos os esboços diz respeito ao capítulo 24 d'O Capital: "Acumulação primitiva de capital". Assim, muitos dos temas tratados nos três esboços se repetem, sendo poucas as modificações. Aqui iremos elencar de maneira geral alguns pontos relevantes trabalhados por Marx que se apresentam em todos esses escritos:

1) Na carta, Marx busca defender que o modo de acumulação que deu origem ao capitalismo na Europa ocidental não é o destino fatal de todas as sociedades, mas resultado/processo histórico. Ele enfatiza que a suposta "fatalidade" diz respeito a uma perspectiva concreta das relações sociais da Europa ocidental, não estando relacionadas ao caso russo. Sobretudo porque, a propriedade que se transforma em propriedade privada capitalista sob o trabalho assalariado, é a propriedade privada dos camponeses da Europa central, forma que não existia na estrutura social russa, onde a propriedade comunal era a regra. Em resumo: ele afirma que a tendência histórica por ele descrita em relação ao Ocidente não é condição *sine qua non* para a humanidade, mas cabe ao seu contexto específico. Assim, mesmo que a ideia de uma tendência positivada de transformação social ainda estivesse em jogo, já existia a abertura para sua crítica e superação imanente.
2) Em segundo lugar, Marx defende uma análise relacional da Rússia em suas circunstâncias históricas particulares com a Europa Ocidental. Ele observa que os mujiques, com suas relações sociais e de produção, sobreviveram ao capitalismo quando este ainda se apresentava intacto às crises sociais europeias, ou seja, em seu auge. A partir desse tipo de observação, segundo Shanin (2017), o crítico alemão desenvolve uma complexa compreensão da dependência mútua entre as sociedades capitalistas e as não capitalistas (ou capitalistas de um modo "peculiar"). Para ele, estamos de frente a aceitação de Marx quanto ao "desenvolvimento desigual em toda sua complexidade" e o capitalismo enquanto o que, posteriormente, viria a ser chamado de sistema-mundo. Se trata de entender a ameaça à comuna não como uma categoria "biológica" de surgimento

espontâneo e consequente, mas como resultado de um processo histórico complexo e humano, e, sobretudo, relacional. Assim, nas palavras de Marx:

> O que ameaça a vida da comuna russa não é uma fatalidade histórica nem uma fatalidade teórica; é a opressão por parte do Estado e a exploração pelos intrusos capitalistas que se tornaram poderosos, à custa dos camponeses, com a ajuda do próprio Estado (Marx, 2020, Pág. 105).

Ou seja, o que ameaça a comuna Russa é uma situação de classe e de Estado, que depende da *práxis* histórica e de diversos seguimentos da vida social, de modo relacional com o capitalismo Ocidental.

3) Marx também ressalta a necessidade de analisar dialeticamente o objeto de estudo. Assim, ele chama atenção à contradição interna da comuna: nela residem os aspectos que podem levar a sua superação ou a sua destruição. Quanto ao seu risco de dissolução, o autor pontua que, em primeiro lugar, o *mir* se constitui de vários núcleos isolados à nível nacional, pois não há, entre eles, uma organização unitária, o que os enfraquece e ameaça. Além disso, a parasitagem do capitalismo estimula suas contradições internas através das consequentes fragmentações de classe entre os próprios mujiques. Lembremos que as terras comunais se constituíam como um misto de propriedades privadas e propriedades de exploração coletiva, e que, após a abolição da servidão, como já descrito, muitos camponeses passaram a dever para usurários ou para o estado, no intuito de pagar pelas terras em que viviam. Por outro lado, nas suas formas de organização social e nas cooperativas mútuas de associação (*artels*) poderia residir uma possibilidade de organização social revolucionária. Sobretudo se o *volost* (assembleia camponesa chefiada por aparatos estatais) fosse substituída por uma associação livre entre os camponeses. Segundo Marx: "Para poder se desenvolver é preciso, antes de tudo, viver – e ninguém teria como esconder que, nesse momento, a vida da 'comuna rural' corre perigo" (Marx, 2020, pág. 101). Assim, ela está ameaçada por forças históricas reais. Não cabia, em sua leitura, o próprio movimento socialista enterrá-la, mas de entendê-la em suas contradições e tencioná-las na luta social para uma forma socialista e comunitária organizada à nível nacional.
4) Apenas no primeiro esboço Marx exprime que a necessidade da revolução russa é precondição para a continuidade da comuna, mas trata-se de uma afirmação central em sua interpretação. Ao longo dos outros escritos – para além dos esboços e da carta – o ponto de vista de Marx é internacionalista. Para ele, a revolução é necessária tanto na Rússia, a partir de movimentações políticas que

impulsionariam a organização do *mir* à nível nacional, quanto no Ocidente, onde o proletariado, também influenciado pela revolução russa, poderia dispor de um nível industrial sólido para a coletivização das riquezas produzidas e expropriadas pelo capitalismo. A comuna, em sentido metaforicamente revolucionário, iria "saltar a etapa do capitalismo", ao mesmo tempo em que, dialeticamente, superaria suas próprias contradições internas. Segundo ele:

> Uma circunstância muito favorável do ponto de vista histórico à conservação da "comuna agrícola" pela via do seu desenvolvimento ulterior consiste em que ela não só é contemporânea da produção capitalista ocidental – podendo assim se apropriar dos frutos sem se sujeitar ao seu modus operandi –, mas também sobreviveu à época em que o sistema capitalista se apresentou ainda intacto (Marx, 2020, p. 95).

Nesse sentido,

> Falando em termos teóricos, a "comuna rural" russa pode, portanto, conservar-se, desenvolvendo sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada, igualmente implicado nela; ela pode tornar-se um ponto de partida direto do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna; ela pode trocar de ele sem precisar se suicidar; ela pode se apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista, regime que, considerado exclusivamente do ponto de vista de sua duração possível, conta muito pouco na vida da sociedade. Porém, é preciso descer da teoria pura à realidade russa (Marx, 2020, p.96).

Ou seja, para Marx era necessário apreender dialeticamente a comuna, e, a partir dela, superar as barbaridades do capitalismo, desenvolvendo seus avanços técnicos e tecnológicos a partir de uma base comunitária. A última frase da citação acima é marcante: é necessário sair da teoria pura, de pensar no teoricamente *a priori*, e passar a investigar e lutar socialmente na realidade concreta.

A carta à Vera Zassulitch

Vera Zassulitch escreve a carta à Marx no início de fevereiro de 1881, e só recebe resposta no início de março. Diferente dos esboços, a carta é pequena e extremamente concisa, dada as condições de saúde debilitadas do autor alemão. Nela, Marx segue o raciocínio já comentado, ao expor que, a acumulação por ele trabalhada n'O Capital, é resultante do processo histórico da Europa central, e não da Rússia. O que ele chama de "fatalidade histórica", e que podemos ler, dentro de seu universo conceitual contextualizado, como tendência, além de restrita, é, ela mesma, simplesmente histórica: fruto de contradições específicas historicamente concretas, que já ocorreram em

condições, contextos e ambientes históricos específicos, e não leis cientificistas e/ou teleológicas. No fim da carta Marx ressalta a importância do *mir* como ponto para a regeneração social da Rússia. Para isso, contudo, ele precisaria se livrar das "influências deletérias": ou seja, dos ataques do capitalismo russo, do estado czarista e das suas divisões internas.

> Desse modo, a análise apresentada n'O capital não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca [point d'appui] da regeneração social da Rússia; mas, para que ela possa funcionar como tal, seria necessário, primeiramente, eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo (Marx, 2020, pág. 115).

Como já mencionado, a carta à Vera foi "esquecida" por muito tempo, sendo negada pelos três marxistas russos da Partilha Negra, com quem Marx trocou essas mesmas correspondências. A explicação para esse esquecimento é muito mais política do que psicológica: como mostra Löwy no prefácio à edição brasileira de "Luta de Classes na Rússia" (2020), Axelrod, Plekhanov e Vera Zassulitch, desde a década de 1880, passaram a se envolver cada vez mais com as concepções da social-democracia alemã. Depois da morte de Marx, o marxismo russo adotou um programa eminentemente evolucionista, que, em boa parte, nutria-se de teses etapistas. Vale salientar que, no tempo da publicação das cartas, os três faziam parta da ala menchevique do PSDOR (Partido Social-Democrata Operário Russo), e estavam em oposição às teses bolcheviques. As ideias mencheviques eram atravessadas por uma linha evolucionista que muito lembrava a linha teórica da Segunda Internacional, defendendo uma industrialização democraticamente liberal como precondição do socialismo. Assim, a negação dos escritos dialéticos de Marx não seria estranha para esse grupo apegado a tais concepções de teoria social.

Como dito por Marx em sua carta à Zassulitch (2020, pág. 114), existia um projeto de escrever um trabalho concreto sobre a questão russa, muito mais detalhado, o que foi impedido pela crescente debilidade em sua saúde. Contudo, a promessa mostra que sua tentativa n'O Capital não era criar uma bíblia: tratava-se de analisar o movimento específico do capitalismo na Europa central. Para a Rússia, com seu desenvolvimento peculiar, cabia analisar suas questões a partir de seu próprio desenvolvimento histórico, das contradições próprias à sua processualidade – prestando atenção, contudo, na sua relação com o capitalismo da Europa ocidental.

Prefácio ao Manifesto comunista

O último escrito de Marx sobre a Rússia foi o prefácio à edição russa do Manifesto Comunista em 1881, edição que influenciou decisivamente a reorganização da "Partilha Negra" em torno do programa marxista sob o nome de "Emancipação do Trabalho". No curto prefácio de apenas duas páginas, Marx e Engels expõem que a situação russa se modificou desde a primeira tradução do manifesto feita por Bakunin: agora o escrito de 1845 mostrava-se mais atual do que nunca.

No escrito os autores entendem que o capitalismo havia desenvolvido suas contradições na Europa, na América do Norte e agora estava chegando na Rússia. Essa última, se apresentaria então, como uma vanguarda da revolução europeia. E a comuna? Apesar de ameaçada pelo capitalismo, ela se constituiria como uma peça-chave na revolução mundial, na medida em que esta fosse internacional: a revolução russa e a *obtchina* influenciariam o Ocidente, na medida em que o Ocidente influenciaria a Rússia. Uma visão dialética:

> Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa se constituir no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista" (Marx, 2020, p. 125).

Além desse escrito de Marx, Engels escreveu um posfácio à questão russa. Contudo, suas ideias se mostram um pouco diferentes das formulações marxianas (Anderson, 2019; Löwy, 2020; Shanin, 1983; Tible, 2020): ele é envolto em certo ceticismo quanto à comuna, e via, ao em vez da mútua influência, a precondição da revolução russa na revolução europeia. Assim, para ele, a comuna estaria fadada ao fracasso. Segundo Shanin (2017), tais tropeços evolucionistas coexistem nos escritos do velho Engels, sobretudo após a morte de Marx. Ironicamente, todas as revoluções socialistas do século XX ocorreram sem o centro do capitalismo: e a primeira delas foi na Rússia.

Conclusão

Que conclusão, portanto, podemos tirar dos escritos de Marx sobre a Rússia? Em primeiro lugar, uma histórica e marxiana: a de que, ao se defrontar com novas questões, Marx articula uma continuidade de seus estudos anteriores com novas elaborações teóricas que dessem conta de entender outras particularidades histórico-sociais.

Para Teodor Shanin (2017), Marx experimentou as contradições de seu tempo histórico, mas a todo instante estava tentando superá-las. Poderíamos dizer que ele era uma espécie de artesão: um trabalhador que é influenciado pelo seu próprio trabalho – afinal, não seria isso pensar dialeticamente a partir da história?

Sobre o conteúdo específico dos escritos, vale lembrar que, em primeiro lugar, podemos identificar uma aceitação de Marx a respeito da multiplicidade de caminhos ao comunismo. Isso significa que, para o velho alemão, passa a existir uma "multilinearidade estrutural" de tempos históricos (Shanin, 2017; Anderson, 2019). Nesse sentido, ao contrário do que pensa Boaventura Santos (Netto, 2008), para Marx se trata de entender as particularidades e especificidades das sociedades analisadas, e descartar o modelo "unilinear" de história tido como central para o idealismo, para o positivismo e para o cientificismo. Cabe salientar que a multilinearidade também deve ser observada no entendimento do autor quanto às particularidades de diferentes formas políticas de luta e organização social, que estão sempre relacionadas historicamente a seus contextos específicos, e não devem ser torcidas por um modelo abstrato ou a-histórico. Embora fique claro que, na leitura internacionalista do anticapitalismo marxiano, haja sempre a necessidade de interdependência de lutas e projetos comuns – o *mir* e a revolução proletária ocidental.

Os escritos também trazem um olhar mais amplo para as classes sociais, sobretudo para o camponês, muitas vezes negligenciado pelo materialismo vulgar como "classe arcaica" ou sem consciência política. Por fim, nesses escritos também pulsa um aspecto importante: a centralidade da comuna, em seu sentido radical de organização social. Trata-se de uma revalorização das formas organizativas populares e horizontalizadas, que, para Marx, deveriam se organizar a nível nacional (Shanin, 1983, p. 29). Assim, não estamos pensando em uma horizontalização espontânea, mas em uma organização dialética que se nutre de uma conformidade geral com outras organizações horizontalizadas em torno de um projeto comum verticalizado. Podemos ver o *mir* como fagulha benjaminiana do passado (Benjamin, 2021): comunal, coletivo, comunitário, horizontal: não de cima para baixo, mas de baixo para cima.

Dos escritos também podemos concluir algumas questões de cunho teórico-metodológicos mais gerais. Como José Paulo Netto (2011) afirma, o objeto de investigação de Marx n'O Capital é a "Sociedade Burguesa", particularmente a da Europa Central. Assim, o "método marxista" não é um conjunto de regras prontas e fechadas ou de modelos apriorísticos. Pelo contrário, a partir da investigação factual, Marx

"descobriu a estrutura e a dinâmica real do capital", ele extraiu de sua análise a "efetividade de seu movimento real", de sua própria imanência. Portanto, o método marxista é a descoberta das determinações, e assim, das saturações do objeto pensado em suas contradições concretas. O pensador dialético, de certa maneira, ao compreender o movimento contraditório específico do seu objeto, tem de partir das exigências dele mesmo. Nesse sentido, o marxismo não se refere a um modelo apriorístico, mas a uma análise materialista e sócio-histórica da imanência de um objeto específico. Por isso a análise deve partir do movimento próprio de seu objeto, e, consequentemente, de sua totalidade particular: no caso dos escritos russos seria partir da "empiria russa", descer da teoria abstrata e das teleologias históricas para a análise das contradições da concretude.

Trata-se de pensar as contradições do objeto enquanto processo, mas também de pensar o pensamento a partir do que existe de negativo na Coisa, do que força o próprio pensamento a uma redefinição. O Conceito altera-se pela experiência própria da Coisa: a dialética é "um método do pensar, mas também [...] uma determinada estrutura da coisa, a qual deve ser transformada em critério diretivo para as considerações filosóficas a partir de ponderações filosóficas fundamentais" (Adorno, 2020, p. 67). Assim, "dialética trata-se antes de tentar fazer justiça à vida que vigora nas próprias coisas singulares e que foi, de fato, considerada por Hegel como algo contraditório, Antagônico" (Adorno, 2020, p. 161). A leitura que Adorno faz da dialética nos trechos acima é extremamente materialista, e parece servir como um bom exemplo para ler a dialética marxiana. No centro das contradições, há a história:

> Foi da experiência fundamental da coisa [...] da teoria do objeto, da coisa, que precisamente inspirou a dialética [...] a experiência de mobilidade da coisa mesma, ou, com outras palavras: da fundamental historicidade do mundo enquanto tal, a experiência fundamental de que não há propriamente nada entre o céu e a terra que seja simplesmente tal como é; antes, tudo que existe deve ser compreendido como algo em movimento, ou seja, como algo vindo a ser (Adorno, 2020, p. 83-84).

É a partir desse viés que Marx entende-se enquanto materialista: o objeto e seu movimento são histórico-sociais, produzidos pelos sujeitos históricos e por suas relações de produção. Podemos retomar, com cuidados, a noção de "*Paradoxo da Ortodoxia*" do Jovem Lukács (1974): para ele o marxismo de fato ortodoxo, ou seja, fiel aos métodos e estudos de Marx, não corresponde a um dogma ou uma fórmula fechada, mas a um modo de pensar e compreender dialeticamente o mundo a partir de suas contradições materiais, que são históricas. Não se trata de, como queriam os primeiros Marxistas russos,

reproduzir as conclusões de Marx, mas de pensar como Marx pensou. Se trata, por um lado, de um núcleo de pensamento que entende a realidade dialeticamente a partir de suas contradições sociais, mas que tem suas conclusões em constante modificação justamente por se transformar a partir da própria *práxis* social.

Essa leitura é diametralmente oposta e combativa aos vulgarismos que foram impostos à dialética de Marx e de Hegel, toscamente associada a uma deturpação mecânica e cientificista baseada no tripé binário "tese-antítese-síntese". Por isso a já mencionada crítica pós-moderna e decolonial revela uma profunda incompreensão, não só do pensamento marxiano e de sua história, como já demonstrado, mas também da dialética, na medida em que não a entende enquanto uma forma de pensar histórica, calcada no movimento próprio do objeto. Este não pode se esgotar pela totalidade do conceito, ao contrário, deve-lhe abrir através de sua negatividade constituinte, sem, no entanto, deixar de lado seu conteúdo-de-verdade e ceder a certos relativismos.

A nível de multilinearidade histórica do capitalismo, esses escritos também trazem uma novidade essencial: a interrelação entre o capitalismo e as formas sociais não capitalistas. Este não se desenvolve e nem pode se desenvolver da mesma forma em todos os locais do mundo. A relação é mais complexa e dialética: através do que hoje chamamos de periferia do capitalismo – na América, na África e na Ásia – é necessária a superexploração dependente para que o capitalismo central funcione – esse processo mesmo se constitui uma das principais partes da acumulação primitiva de capital, e os germes dessa compreensão podem ser vistos nos escritos abordados.

A totalidade, depois diria Adorno (2020), não é fechada, mas aberta e sustentada pelo que existe de negativo. O universal se dá a partir de múltiplas contradições, que movimentam a processualidade histórica do capitalismo em relações de interdependência que não se esgotam. Kevin Anderson (2019) nos mostra que essa compreensão se dá não apenas com a Rússia, mas também pode ser vista em textos sobre a Guerra Civil americana, sobre a Índia, sobre a Irlanda e sobre a Polônia. O mito do Marx eurocêntrico e colonial é destruído pelo resgate integral do seu pensamento, sobretudo quando mediado com seu contexto histórico específico, no que tange ao seu formato, sua produção e sua publicação.

Por fim, cabe relembrar que estamos no século XXI. Trata-se, então, de, enquanto marxistas, pensarmos na atualidade dos escritos na mesma medida em que pensamos na superação do que já parece datado. Como já discutido, a dialética, enquanto forma "artesanal" de pensar (Shanin, 2017), é sagaz, e a própria dinâmica do capitalismo

redefine as suas contradições e seus horizontes, impulsionando o reposicionamento das discussões no seio da tradição marxista. Não há mais espaço, como parece haver em alguns escritos marxianos, para uma crença positiva nos avanços tecnológicos do capitalismo enquanto possibilidade de emancipação consequente de suas contradições – como na lei tendencial observada nos esboços de Marx à Vera. No lugar de originar o socialismo, o desenvolvimento industrial do século XX mostrou a consolidação de uma razão instrumental que pariu aberrações totalitárias, um progresso tecnológico que significou regressão humana, precarização social e reificação em massa. Assim, não se trata de negar os avanços técnicos da modernidade, mas problematizar o seu papel na forma capitalista de reprodução social, que inverte os sinais e transforma a tecnologia em instrumento de catástrofe, barbárie e mais acumulação, na busca autofágica do capital por auto valoração constante. Além disso, os recursos naturais são escassos para uma acumulação *ad infinitum*, movimento estruturante do capitalismo[4]. Agora a situação parece estar dirigida a puxar o freio de emergência do colapso global.

Podemos mencionar rapidamente como o capitalismo reconfigura-se frente às novas revoluções industriais, cada vez mais tecnológicas, trazendo novos problemas para a tradição dialética. Em um livro recente, Deivison Faustino e Walter Lippold (2023, p. 26-27) mostram que as novas tecnologias, longe de emanciparem, operam, mediante às exigências atuais do capital, a partir de uma lógica colonialista. Por um lado, essa lógica funciona através da "emergência de uma nova partilha territorial do globo terrestre entre os grandes monopólios da indústria da informação: as chamadas 'big techs'", o que atualiza o imperialismo ao reduzir a periferia "a mero território de mineração extrativista de dados informacionais", sustentando, assim, a superexploração dependente. Por outro, ela opera internamente, a partir da própria estrutura algorítmica, nomeada pelos autores de "colonialismo de dados", que passa a engolir cada vez mais "a vida humana, o ócio, a criatividade, a cognição e os processos produtivos", regurgitando-as em "lógicas extrativistas, automatizadas e panópticas do colonialismo digital". A cognição humana está nas mãos das grandes corporações tecnológicas, submetidas às suas exigências de

[4] Sobre isso, cabe observar os estudos sobre o ecossocialismo e a ecologia em Marx, bem como pensar na relação entre modernização e natureza em vias emancipatórias e coletivas. Ver: Foster, 2023; Saito, 2021.

acúmulo de capital. É a "semiformação"[5] adorniana (1994) elevada à milésima potência, com o fundo da superexploração de mais-valia.

A tragicidade do cenário completa-se com as recentes mutações do fascismo, que aparentemente tende a se caracterizar não mais pelo partido de massas, mas pela sociabilidade digitalizada. Nos apontamentos de Bruna Della Torre (2025), observamos que, após a crise de 2008, o novo modelo de plataforma[6] propiciou o acúmulo e direcionamento de grandes massas de capital para a tecnologia, transformando as Big Techs em grandes monopólios com núcleos de poder privado. Nesse novo contexto social, o Estado submete-se cada vez mais ao poder privado do capital e suas necessidades estruturais, transformando-se em instrumento de acumulação. Assim, o fascismo atual não é apenas a opinião política viabilizada em massa pelas redes sociais, mas uma "forma política" afinada com as exigências atuais do capitalismo especulativo, através da capacidade de vigilância dos algoritmos e das redes digitais através do acúmulo de informação. Produz-se, assim, em contexto de colapso capitalista e crise da democracia, "uma subjetividade moldada pela lógica algorítmica, uma sociabilidade administrada por plataformas e uma política fundada na regressão" – por isso fascista. Ao mesmo tempo, o sistema de plataformas fornece ao imperialismo americano – através do Silicon Valley – um tentáculo tecnológico para suas necessidades político-militares.

Antes de terminar, mais uma camada, agora sobre a "condição periférica" (Canettieri, 2020), reprodução socioespacial do capitalismo a partir da superexploração de regiões subdesenvolvidas. Como, no capitalismo atual, o valor trabalho está se esgotando cada vez mais pelas necessidades de acumulação e reprodução de capital, através da automação, o mundo periferiza-se, para além de seu berço subdesenvolvido. Ou seja, a periferia se espraia para o centro do capitalismo. Assim, a crise do valor congênita ao movimento do capital já nos lançou na barbárie, não só a nível local, mas tendencialmente, cada vez mais, a nível global. O desemprego convive lado-a-lado com formas precárias de trabalho informal e as já mencionadas novas formas de fascismo. Lembremos que é nas periferias do capitalismo, como a Rússia analisada por Marx no século XIX, que pode ser vista a condensação da barbárie capitalista enquanto

[5] Adorno utiliza o conceito de "semiformação" ou pseudo-individualização para se referir ao processo em que a indústria cultural, enquanto desdobramento da mercadoria no capitalismo tardio, impele uma forma estranhada à formação subjetiva do indivíduo.

[6] Composto pelas plataformas digitais que atuam como intermediárias entre usuários e trabalhadores (sobretudo o trabalho precário e informal, como nos aplicativos de Delivery), coletando dados e funcionando a partir de uma lógica algorítmica para definir visibilidade.

reprodução social e modo de acumulação. Portanto, cabe, para nós, analisar o movimento de "periferização" do mundo pós 1990 e o nosso capitalismo atual, em um diálogo constante com nossa própria tradição crítica. Por isso, Marx e seus escritos sobre a Rússia, sendo históricos, são mais atuais que nunca. E o marxismo, longe de ser cachorro morto, sobrevive como o fantasma ameaçador do capitalismo mundial.

BETWEEN PARENTS AND CHILDREN: AN ANALYSIS OF KARL MARX'S WRITINGS ON RUSSIA

Abstract: During the last decades of his life, Karl Marx engaged in extensive studies concerning new issues arising on the world-historical horizon, in both concrete and theoretical terms. In this direction, the objective of this article is to analyze Marx's writings on Russia – a series of correspondences, sketches, and publications addressed to the Narodnik populists. These writings are centrally important for understanding Marx's intellectual development and the new questions that arose in the last years of his life. Thus, based on his analyses of the historical and social conditions of Russia, we can consider issues such as the multilinear historicity of Marxism and its implications regarding the periphery/center relationship of capitalism. In this sense, we also seek to consider its political content, both for the Marxist tradition in general and for the Russian context between the 19th and 20th centuries.

Keywords: Karl Marx. Russia. Dialetics.

ENTRE PADRES E HIJOS: UN ANÁLISIS DE LOS ESCRITOS DE KARL MARX SOBRE RUSIA

Resumen: Durante las últimas décadas de su vida, Karl Marx se dedicó a estudios exhaustivos sobre las nuevas cuestiones que surgían en el horizonte histórico mundial, tanto en términos concretos como teóricos. En este sentido, el objetivo de este artículo es analizar los escritos de Marx sobre Rusia: una serie de correspondencias, esbozos y publicaciones dirigidas a los populistas narodniks. Estos escritos son cruciales para comprender el desarrollo intelectual de Marx y las nuevas cuestiones que surgieron en los últimos años de su vida. Así, a partir de sus análisis de las condiciones históricas y sociales de Rusia, podemos considerar cuestiones como la historicidad multilineal del marxismo y sus implicaciones respecto a la relación periferia/centro del capitalismo. En este sentido, también buscamos considerar su contenido político, tanto para la tradición marxista en general como para el contexto ruso entre los siglos XIX y XX.

Palabras-chave: Karl Marx. Rusia. Dialectica.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Capitalismo tardio ou sociedade industrial?** In: Cohn, Gabriel. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática (Coleção grandes cientistas sociais), 1994

ADORNO, Theodor W. **Introdução à dialética**. São Paulo: UNESP, 2022.

ANDERSON, Kevin B. **Marx nas Margens**: Nacionalismos, etnias e sociedades não ocidentais. São Paulo: Boitempo, 2019.

ARANTES, Paulo. **Por dentro e por fora**. Passa palavra, 1 set. 2010. Disponível em: https://passapalavra.info/2010/09/28701/ . Acesso em: 8 dez. 2025.

BARROS, Douglas Rodrigues. **O que é identitarismo?** 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2024.

BENJAMIN, Walter. "**Teses sobre o conceito de história**". In: LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

BERLIN, Isaiah. **Pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

BERNARDINI, Aurora Fornoni. **Os escritores russos na época do populismo.** Outra Travessia: Revista de pós-graduação em literatura, Santa Catarina, ano 2009, Primeiro semestre 2009. DOI https://doi.org/10.5007/%25x. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11982 . Acesso em: 5 nov. 2023.

CALABRESI, Luís Henrique de Freitas. **Considerações acerca da estrutura social da Rússia Tsarista**. Revista de História Fronteiras, [*s. l.*], ano 2021, v. 23, n. 41, 2021. DOI https://doi.org/10.30612/frh.v23i41.15000. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588268202005 . Acesso em: 5 nov. 2023

CANETTIERI, Thiago. **A condição periférica**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.

DELLA TORRE, Bruna. **Do partido às plataformas: notas para uma teoria do neofascismo contemporâneo**. Blog da Boitempo, 2 dez. 2025. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2025/12/02/do-partido-as-plataformas-notas-para-uma-teoria-do-neofascismo-contemporaneo/ . Acesso em: 7 dez. 2025.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FILHO, Daniel Aarão Reis. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: UNESP, 2003. 179 p.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. São Paulo: Expressão popular, 2023

HAUPT, Georges. **Marx e o marxismo**. In. Hobsbawm, Eric. (Org). História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx. Volume 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, pp. 347/375.

HOBSBAWN, Eric. **Marxismo**. In. HOBSBAWN, Eric. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo. São Paulo: Boitempo, 2011, pp. 185/284; 311/375.

JAMESON, Frederic. **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Porto: Publicações escorpião, 1974

LOWY, Michel**. Introdução.** In: Lutas de Classes na Rússia. LÖWY, Michael (org.), Trad. Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020, p.9-17

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia**. LÖWY, Michael (org.), Trad. Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020, 164p.

MUSTO, Marcelo. **A Odisseia da publicação dos escritos de Marx e as novas descobertas da MEGA2**. In: Musto, Marcelo. Repensar Marx e os marxismos. São Paulo: Boitempo: 2022, pp. 283/319.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: Uma biografia**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

NETTO, José Paulo. **De como não ler Marx ou o Marx de Sousa Santos**. ODiario.info, 7 set. 2008. Disponível em: https://www.odiario.info/de-como-nao-ler-marx-ou-o-marx-de-sousa-santos/ . Acesso em: 7 dez. 2025.

PEREIRA, Juliano Bruni. **"Supérfluos" e "Niilistas": representações de tipos intelectuais em dois romances de Ivan Turguêniev (1840-1860)**. Orientador: Prof.ª Dra. Cláudia Mauch. 2018. 82 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RIAZANOV, David. **A Correspondência entre Vera Ivanovna Zazzzulitch e Karl Marx**. in: Lutas de Classes na Rússia. LÖWY, Michael (org.), Trad. Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 71 -78

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SHANIN, Teodor (org.) **Late Marx and the Russian Road: Marx and the peripheries of capitalism**. New York, Monthly Review Express, 1983.

SHANIN, Teodor (org.). **Marx tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2017

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx: Capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política**. São Paulo: Boitempo, 2021

TIBLE, Jean. **Marx transformado: Vitalidade de outras formas sociais**. In: TIBLE, Jean. Marx Selvagem. 4. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e filhos**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

WATANABE, Rafael (2019). **O diálogo do Marx tardio com o populismo clássico russo: prenúncio a revolução bolchevique**. *Revista Urutágua*, (37), 74-93. https://doi.org/10.4025/revurut.vi37.41979.

SOBRE O AUTOR

João Pedro Henriques de Castro Morais é mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Recebido em 09/10/2025

Aceito em 11/08/2026